

LÉSBICAS SÃO LÉSBICAS: ELAS POR ELAS

SAPINHA VIAJA COM ORGULHO E
LEVA A RESISTÊNCIA LÉSBICA
POR ONDE PASSA!

SAPAS NA ESTRADA

Sapa P. Via: Van Épio Estrada Légbica

SAPAS
EXISTEM
RESISTEM!

SAPINHA NO COMANDO

SCANIA

RESISTÊNCIA
LÉSBICA

SAPAS UNIDAS
JAMAS SEPARA
VENCIDAS!

SAPAS

ARTE

RESISTÊNCIA

BUZINA
PRO AMOR
E PRA LUTA!

★ POR VISIBILIDADE, POR DIREITOS,
POR TODAS NÓS!

CADERNO ESPECIAL • AGOSTO 2026

Orgulho, visibilidade e pertencimento

Na escola e na classe trabalhadora



Apresentação

Para marcar o mês do orgulho e da visibilidade lésbica (e as duas datas de luta deste mês, 19/08, Dia do Orgulho Lésbico e 29/08, Dia da Visibilidade Lésbica), pedimos que algumas de nossas sindicalizadas nos enviassem relatos pessoais sobre: o que é ser lésbica; como veem o mundo e se veem neste mundo a partir desse lugar; com quais nomes se identificam; qual a importância de uma data para fazer essas discussões; e por que é um tema relevante nos sindicatos.

Neste caderno especial, “Lésbicas são lésbicas: Elas por elas”, servidoras do IFSC e sindicalizadas lésbicas compartilham suas narrativas sobre orgulho, visibilidade e pertencimento na escola e na classe trabalhadora.

“Elas por elas”

01

Nathalia Muller Camozzato

Professora, Câmpus Itajaí



"Para mim, como uma mulher lésbica, especialmente uma professora que trabalha com adolescentes e adultos, a importância do Dia da Visibilidade Lésbica tem a ver, sobretudo, com inteligibilidade. Quer dizer, além do respeito às diferentes formas pelas quais as identidades sapatão existem e amam — o respeito, a integridade, o direito à existência —, a inteligibilidade garante que pessoas que estão começando a se entender desde suas sexualidades saibam que é possível viver uma vida feliz, uma vida alegre, uma vida plena, uma vida digna como uma pessoa lésbica ou como uma mulher lésbica. Eu falo isso pensando em duas coisas: pensando em mim, adolescente, tão alvo da heterossexualidade compulsória, que demorou tanto tempo pra entender o próprio afeto, o próprio amor, o próprio desejo, o próprio corpo — o próprio amor, principalmente —, e isso é muito triste; e pensando também naquelas a quem eu conheci. Aquelas mulheres que viviam juntas como “amigas” e o quanto essas mulheres não puderam ter uma inteligibilidade de uma relação feliz e que pudesse ser noticiada ao mundo. Tiveram que se esconder.

Então, por elas que vieram antes da gente e que tiveram que se esconder, por aquelas que estão vindo no futuro, e pra que não sejam vítimas de um enquadramento heteronormativo, que não sejam vítimas da heterossexualidade compulsória, que não sejam vítimas da violência diante das próprias descobertas, do próprio amor e do próprio desejo, é que eu acho que é importante a visibilidade lésbica."

Raquel Guzella de Camargo

Psicóloga, Câmpus Chapecó



"A importância da lesbianidade na minha vida é a minha existência, é quem eu sou. Então eu vejo que a lesbianidade é uma existência, é um ato de afeto, de liberdade, de resistência. É um ato político também, tanto por ser mulher na sociedade, mas também por ser uma mulher lésbica. Então tem toda essa questão de resistência, de liberdade e questão política também. Eu me identifico como lésbica. É o nome que eu uso e é o nome que eu também entendo que carrega significados políticos na nossa sociedade. Então, uso esse nome com bastante orgulho.

A importância de falar sobre isso no movimento sindical, eu vejo que, por ser um lugar de discussão, de construção e de luta, é um lugar de visibilidade também, tanto pensando na questão do ser mulher no mundo do trabalho, mas também por ser uma mulher lésbica nesse espaço. Então a gente tá falando sobre muitas questões históricas, políticas, sociais que vêm junto com o ser mulher e ser lésbica. Falar sobre isso, ter esse espaço é importante porque a gente tá falando sobre nossa existência, nossa visibilidade e nosso direito de ocupar esses espaços: coletivos e de luta."

Carolina dos Santos Cardoso

Professora, Câmpus Jaraguá do Sul



"Eu acho que o mês e o dia da visibilidade lésbica são datas importantes na nossa comunidade, porque a gente vive numa sociedade em que a gente é silenciada na maioria das vezes, onde, em muitos momentos, somos aceitas, entre aspas, mas a gente não pode se expor tanto. Então, acho que ter essa data é bem importante para a gente falar sobre o assunto. Embora eu ache também que todo dia é dia. Mas é importante ter essas datas específicas. E a minha experiência como uma mulher lésbica no cenário da educação já foi de vários tipos, mas hoje, dentro do Instituto, é uma experiência diferente. Me sinto e me senti acolhida e não julgada. Me senti confortável em expor a minha lesbianidade dentro do Instituto, tanto aqui em Jaraguá [do Sul] quanto lá em Ibirama, quando trabalhei no IEF. Eu senti que era uma coisa natural.

Porque, às vezes, as pessoas héteras falam da família, falam dos seus maridos, esposas, abertamente, e nós às vezes não podemos falar abertamente sobre isso. E eu sinto que agora, especialmente nessa fase em que estou como substituta, professora de química aqui no IFSC, eu me sinto à vontade para falar da minha família e eu sinto que, quando eu falo, os alunos que são LGBTs também se

sentem à vontade.

Eles criam um vínculo comigo. Então, às vezes, é até engraçado, porque tem muita gente que não gosta da disciplina, mas, por ter essa identificação comigo, eles se sentem mais à vontade.

Acho que até a palavra é “seguros”. Acho que eles criam ali um laço inconsciente e isso também é recíproco. Eu também acabo olhando para eles de uma outra forma. Até diria que de uma forma mais acolhedora do que o normal, porque a gente sabe das dificuldades e dos desafios que a gente tem por ser da comunidade.

Então, às vezes, até os alunos vêm me perguntar se eu sou ou não lésbica, se eu sou casada. E muito nessa expectativa de encontrar um lado seguro, porque às vezes eles não se sentem à vontade para falar disso em casa e talvez na escola é um lugar onde a gente deve ter essa segurança. Eles têm essa oportunidade e eu fico bem feliz de ter isso.

Claro que nem sempre foi assim. Houve outras situações em outras escolas, em outros momentos em que eu não me sentia à vontade para falar sobre mim. Eu só ia lá, trabalhava, não me expunha, e aí eu ficava na minha. Mas agora não. Eu sinto que: “Ufa, estou num lugar seguro”, e acho que isso é importante.

A gente sempre fica relembrando e falando sobre a importância da data e também de lutar contra os preconceitos, porque a gente não pode deixar isso cair em esquecimento, e isso eu acho que vai ser por muito tempo. A gente vai sempre precisar lutar pelos nossos direitos.”

Ana Martina Baron Engerhoff

Professora, Câmpus Jaraguá do Sul



"Ser uma mulher lésbica me atravessa, evidentemente, em todas as esferas da minha vida e em diferentes momentos. Hoje, eu sou uma mulher de 41 anos e não sou a mesma adolescente que estava lá com muita insegurança de poder dizer que gostava de mulheres e que queria ficar com mulheres.

Eu acho que eu sempre performei um lugar de bem caminhoneira, eu gostava de futebol, sempre gostei de jogar, esportes e tal, e eu me lembro de ter bastante conflito, de negar até a morte que algo pudesse me atravessar enquanto desejo para outra mulher. Isso não aparecia no meu repertório. Eu não tinha nenhuma pessoa conhecida ao meu redor lésbica, tinha homens gays por via da minha irmã.

Então eu frequentei durante a adolescência, ainda nova, outros tempos, que a gente ia para casas noturnas de outra maneira, Chandon, boates clássicas de Florianópolis, mas como aquela simpatizante a coisa da LGBT — LGBT não aparecia, né? — GLS. E eu achava fantástico, que era uma ideia de poder ser livre, mas eu via homens homens sendo livres, e não eu. Então eu acho que eu consegui a minha liberdade a partir da performance masculina, mas eu não podia ser assim, né? (...) Me lembro de ser cobrada, de

ser muito feminina, usar maquiagem — coisa que eu até hoje gosto de fazer quando eu quero e não por uma obrigação.

(...)

Venho de uma família bastante católica, mas de um catolicismo crítico: a gente podia interpretar as coisas, entender que os seres humanos querem buscar a felicidade e que há muita desigualdade. Apesar de todo esse discurso, eu tinha um desenhado profundo nos lugares que estudava, num colégio católico, sem muitas afinidades com as pessoas ao redor. Hoje entendo que também sou atravessada como PCD, como pessoa autista e com altas habilidades. Isso vem na vida adulta, mas, olhando para trás, também estava ali. Era uma adolescência dos anos (19)80 e (19)90, com outros nomes para tudo isso. Eu tinha vários não lugares.

Foi só com 18 anos que encontrei um amigo de infância que estava performando maravilhosamente a sua gayzice, recém-saído do armário, que me permiti ficar com uma mulher — ainda que pelo processo de racionalização e afastamento dos sentires. Eu ficava e namorava com meninos, mas, quando beijei uma mulher, soube: é isso.

A relação com a família, a partir disso, mudou bastante. Num primeiro momento, minha família não foi receptiva, meu pai e minha mãe. Em parte também porque eu estava diferente, vivendo e querendo sair de casa, cortando alguns laços cotidianos. Por outro, havia um novo lugar para eles, cheios de preconceitos e que cruzavam as suas próprias histórias de vida.

Vivemos muitas coisas juntos enquanto família, mas foi uma trajetória de enfrentamentos, com meus erros, meus acertos e os deles também. Não foi tranquilo em nenhum momento. Para mim, “não lugar” é uma expressão que fica: tentar poder ser nesses lugares confusos. A gente queria afeto desses lugares, eu aprendi que família era afeto, eu não esperava coisa diferente, e, quando fui ver meus afetos ali, eu não podia. Isso mudou profundamente

ao longo dos anos, com um acolhimento sem igual, de uma família diversa. Por exemplo, minha mãe abriu os braços para os novos netos (meus filhos) e para a nora, o que é fundamental para nós como reconhecimento de onde poder ser, estar, de um lugar bom.

Acho que minha fala está aí porque é a mesma situação de hoje, com outra roupagem. Eu não sou a mesma, minha família não é a mesma, os lugares mudaram, os tempos são outros, mas essa experiência de não lugar ainda é constante.

Trabalhei em muitas instituições escolares e em várias universidades e hoje sou professora efetiva do IFSC. Apesar de ter muitos colegas gays, a quantidade de mulheres sapatãs evidentes é muito menor, muito menor do que os homens. E eu acho isso bastante curioso, acho que as mulheres sapatãs ficam mais na delas e, quando aparecem, passa pela performance que é evidentemente sapatã — como um lugar marcado, talvez?

Então, chegar nos novos lugares, ou chegar numa cidade (...) é ter um medo antecipado de ser um não lugar. Outra vez, buscar lugar e não poder ser só quem eu sou. Então, essa é uma coisa constante. Eu acho que essa relação do não poder afetuar, ter que tatear muito, é uma situação que persegue e está evidente na minha vida.

Hoje sou casada com uma mulher que se identifica como pansexual e que tem filhos biológicos de uma relação heterossexual. Minha filha estuda no IFSC também — digo minha enteada, mas eles me chamam de mãe, nós duas, e é nosso desejo regulamentar isso. Apesar de muitas coisas mudarem, os passos são lentos: nós fomos o primeiro casal de mulheres (ou melhor, de homossexuais) a se casar no cartório da Barra da Lagoa, em Florianópolis, em 2022 — ou seja, há pouquíssimo tempo.

Acho curioso porque falo “minha filha” e muitas vezes dizem: “Nossa, tua filha é a tua cara”. Eu jamais desminto. Eu deixo isso porque dá uma confusão tremenda. E eu vejo na cara dos alunos,

quando eu comento algum exemplo, na aula, assim, “a minha filha”, “não sei o que, meu filho”; “— A professora tem filhos?”. Isso vale para o ensino médio, ensino superior.

Vejo a cara de quem está calculando tudo, porque pensa: quem é essa mulher que está performando uma sapatônica? Eles têm muito medo de nominar. Ninguém me pergunta, eu geralmente não falo de propósito, eu espero alguém me perguntar, porque eu sou uma professora de sociologia, então eu quero que eles tenham a coragem de me perguntar, e perguntem o que eles desejam saber.

Na primeira aula, eu pergunto: “Vocês têm alguma dúvida?”, “Querem saber alguma coisa sobre mim?”. E saber importa, porque há o reconhecimento de múltiplas possibilidades de vida, da categoria política que é ser lésbica, das relações de gênero que são evidentes e, inclusive, conceito e tema das Ciências Sociais. Os colegas de trabalho também têm, de modo geral, um estranhamento quando falo “minha esposa/companheira” e, no mais das vezes, perguntam o nome do meu companheiro — como se tivessem ouvido errado. Então, dá pra ver como é um assunto tabu, seja na universidade, seja no ensino médio, enfim, e como isso é velado.

“Um não lugar. A gente está, mas não ocupa.”

Acho que esse não lugar, nas minhas vivências sapatãs, é de hoje poder dizer o nome: “sapatã, fanche, lésbica”. Há essa possibilidade de me recriar como imagem, meu gosto, como uma categoria em (des)construção constante. Eu vejo o meu corpo mudando também para isso. Ano passado eu raspei o cabelo, agora ele está de outra cor, daqui a pouco eu vou raspar de novo, o que provoca muito uma outra reação ainda do outro sobre mim, então acho que isso é fantástico.

E estando com alunos é mais fantástico ainda porque aparece na frente a possibilidade de ser outra coisa, de ser quem eles quiserem, embora sabendo que eles não podem porque eles vão sofrer bastante ao ser essas outras coisas. Mas, inevitavelmente, eles já são muitas coisas, e eles só têm que poder ser. E digo isso também dos colegas: eu desejo que todos possamos ser.

Mas isso não é verdade, não é a realidade que a gente vive, uma desigualdade profunda e que mata, que faz a gente se matar, que entristece, que tira a vontade de viver, porque a gente não tem lugar.

A gente veio para Jaraguá, minha família toda veio: minha esposa e dois filhos e a gente foi imediatamente interrompido de uma busca por aluguel, porque a proprietária, via imobiliária, foi analisar nosso perfil e gentilmente disse que nosso perfil não se encaixava. Depois a gente buscou por outra imobiliária o mesmo imóvel para fazer o teste sem dizer que era uma família plural (em nenhum momento dissemos que éramos casadas, só nominava as pessoas que iam alugar e, sem dizer [que eram um casal], o nosso perfil estava aceito). Quando a gente informou outra vez que éramos um casal, nosso perfil não foi aceito.

Então, há uma pessoalidade curiosa em Jaraguá. Essa situação nunca me ocorreu em Florianópolis, mas poderia facilmente ter acontecido. Ao andar de mãos dadas na rua em Florianópolis, dependendo do lugar, isso também aconteceria, muitas pessoas olhando. Acontece ainda. As violências são inúmeras. Mas em Jaraguá isso é muito mais exacerbado, isso fica muito evidente: o choque das pessoas ao verem as duas. A nossa filha se veste diferente, performa lugares de gênero fluidos, também tem a percepção do choque das pessoas ao redor ao vê-la.

Então acho que fica evidente a necessidade, a importância de um mês da visibilidade lésbica e mais ainda de datas específicas para que a gente fale sobre os preconceitos, sobre a existência das pessoas, sobre um lugar de poder dizer “eu existo, e eu quero existir, me deixe existir, eu quero poder...”. É pedir concessão, né?

É de luta, mas é pedir concessão no mundo que parece o mesmo:
“Me deixe existir!”

Então, o mês de agosto particularmente, faz um marcador importante que é o lugar. Volto a dizer sobre o lugar das mulheres, lésbicas, de poder dizer que existem e que ocupam um lugar diferenciado de homens, gays e outros marcadores identitários. Que têm pressões diferentes, vivências diferentes, que têm especificidades que são muito importantes de serem colocadas.

Brinco muito também com alunos quando eles se incomodam, “dia disso, dia daquilo. Qual a importância?”. A gente comemora aniversário todo ano, e ninguém fica incomodado, então essas são datas importantes para comemorar a vida. Então comemoremos a vida e a nossa existência neste mês. E daí, evidentemente, tem os marcos históricos para isso, vindos de inúmeras violências, resistências e organização. Então é um mês particularmente importante para renovar a importância e a necessidade de organização das mulheres e lésbicas em torno das pautas que quiserem, dos assuntos que quiserem.

No sindicato, há um marco importante para que as mulheres e lésbicas possam se ver umas às outras, sejam professoras, técnicas, aqueles que estão ao redor, os dependentes, todas as comunidades escolares. Que possam se ver, se encontrar, nesse mês, nestas datas — nos textos, nos cartazes, no dia a dia, no olho a olho, na sala de aula —, um lugar para ser. Onde elas quiserem, onde a gente quiser.

Fico muito feliz que tenha um texto.

Eu adoraria que um dia a gente não precisasse ter uma pasta específica para pensar as identidades, gênero, preconceitos, mas não é essa a realidade.

Nós tivemos uma intensa desigualdade, intensa violência e todo dia é um dia de pensar, e refletir, e tentar conquistar um lugar, apesar de tudo ser contra.

É tão um não lugar que se pressupõe: a heterossexualidade, se pressupõe o fato de dizer que tem filho e que teria um homem existente a partir de uma relação heterossexual, se pressupõe muitas coisas. Já foi mais difícil? Talvez, mas nosso tempo é agora, e esses pressupostos são violentadores a cada dia, no presente...

Dito isso, também nós somos recortadas (falo eu, minha esposa e nossa família) para uma família branca. Temos sobrenome alemão, que ainda tem uma passagem que denota um outro privilégio, especialmente em uma cidade do Vale do Itajaí. Há outros recortes das pessoas trans, das pessoas negras, outras comunidades, migrantes do Norte e do Nordeste, aqui em Jaraguá. Esse é o ponto: há outros atravessamentos que vão se somando nesses não lugares.

Então vou acabar com a frase que eu iniciei: para mim é a ideia do não lugar; e o tempo todo calculando. Acho que é um bom meme para pensar: aquela Nazaré Amarga tentando pensar o cálculo. Ela fica fazendo o cálculo do que pode falar, o que pode ser em tantos lugares que a gente quer ocupar e a gente já sabe o que esperar: que não sabe o que esperar e que as violências estão postas. A surpresa é quando nós somos bem recepcionados. Acho que é isso."

E se você é lésbica ou GBTIAPN+, venha compor com a gente o GT LGBTIAPN+ SINASEFE.

Lino Gabriel Nascimento dos Santos

Docente, dirigente sindical e sapatransvyado
Coordenação de formação política e combate às opressões
SINASEFE SEÇÃO SINDICAL IFSC



Caderno especial • Lésbicas são lésbicas: Elas por elas